

BARÓMETROS
DA FUNDAÇÃO

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

A EUROPA APELA A UMA MAIOR INDEPENDÊNCIA

Florian Kommer
Brandon Bohrn
Daniela Schmidt



BertelsmannStiftung

eupinions

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL dos SANTOS

Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso
1099-081 Lisboa
ffms@ffms.pt

Diretor de publicações: António Araújo
Coordenador da equipa de estudos: Carlos Jalali
Título: A Europa apela a uma maior independência
Autores: Florian Kommer, Brandon Bohrn e Daniela Schmidt
Revisão de texto: Goodspell
Design e paginação: Guidesign

© Fundação Francisco Manuel dos Santos, Florian Kommer,
Brandon Bohrn e Daniela Schmidt
Outubro de 2026

ISBN: 978-989-9270-24-4

As opiniões expressas nesta publicação são da responsabilidade dos seus autores e não são imputáveis à Fundação Francisco Manuel dos Santos nem às instituições em que estão filiados. A permissão para reproduzir, no todo ou em parte, o conteúdo deve ser solicitada aos autores e à editora.

A Europa apela a uma maior independência

Florian Kommer
Brandon Bohrn
Daniela Schmidt

ÍNDICE

5 Enquanto a confiança europeia nos EUA diminui, mantém-se o ceticismo relativamente à China

7 Resumo das principais conclusões

9 A viragem da Europa rumo a uma maior independência

11 A transformação da relação entre a Europa e os Estados Unidos

13 Opiniões europeias sobre a China

15 Os europeus continuam firmemente enraizados no espaço transatlântico

17 O papel da UE na cena mundial

ENQUANTO A CONFIANÇA EUROPEIA NOS EUA DIMINUI, MANTÉM-SE O CETICISMO RELATIVAMENTE À CHINA

Num mundo cada vez mais marcado pela guerra, pelos conflitos e pelas rivalidades entre grandes potências, a opinião pública de toda a União Europeia aponta numa mesma direção: maior independência. Hoje, quase três em cada quatro europeus afirmam que a UE deve «seguir o seu próprio caminho», depois de décadas de estreita cooperação com os Estados Unidos. Embora os EUA continuem a ser o principal aliado da UE, desde 2024, o «efeito Trump» fragilizou profundamente esta posição, e a confiança em Washington mantém-se em níveis baixos.

Hoje, quase três em cada quatro europeus afirmam que a UE deve «seguir o seu próprio caminho», depois de décadas de estreita cooperação com os Estados Unidos.

A China, porém, não beneficia dessa deterioração. Os europeus mostram-se extremamente céticos em relação ao papel mundial da China e querem tornar-se menos dependentes deste país, mesmo que isso tenha consequências económicas negativas. Em contrapartida, o Reino Unido e o Canadá têm vindo a conquistar terreno enquanto parceiros-chave, ao mesmo tempo que a pertença à NATO continua a ser considerada uma salvaguarda fundamental contra as ameaças à paz. Configura-se, assim, um quadro de uma Europa em busca de caminhos para se tornar mais independente, mantendo-se simultaneamente empenhada na cooperação e na segurança coletiva.

RESUMO DAS PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Nos três inquéritos realizados pela Fundação Bertelsmann em setembro de 2024, setembro de 2025 e março de 2026, emerge um conjunto claro de tendências.

- O apoio a uma maior independência europeia está a crescer.
  Na UE, 73% dos inquiridos afirmam que a União deve «seguir o seu próprio caminho», depois de décadas de estreita cooperação com os Estados Unidos — um aumento face aos 63% registados em 2024.
- O posicionamento em prol da independência alargou-se a toda a sociedade.
  Hoje, o apoio a uma UE mais independente é elevado em todos os grupos demográficos, tendo sofrido um aumento especialmente acentuado entre os europeus mais idosos — entre os cidadãos dos 56 aos 69 anos, subiu de 60% em 2024 para 75% em 2026.
- A maioria dos europeus considera que os EUA não são um parceiro de confiança.
  58% dos cidadãos da UE desconfiam dos EUA, um aumento em relação aos 54% registados em 2025.
- Os EUA continuam a ser o aliado mais importante da Europa, mas a sua posição sofreu uma queda drástica.
  Em 2026, uma maioria relativa de 31% continua a identificar os Estados Unidos como o aliado mais importante da UE — uma queda impressionante de 20 pontos percentuais em relação aos 51% registados em 2024.
- A China não tem vindo a emergir como polo de atração alternativo.
  Em 2026, apenas 9% dos europeus consideram que a China é o aliado mais importante da UE, ao passo que 61% têm uma visão negativa da sua influência mundial.

- Os europeus querem reduzir a dependência em relação à China, mesmo que isso acarrete custos.
  67% dos cidadãos da Europa afirmam que o seu país depende da China, dos quais 77% são a favor de reduzir essa dependência, ainda que isso implique custos económicos.
- As perspetivas europeias sobre quais são os aliados mais importantes da UE têm vindo a redistribuir-se no espaço transatlântico.
  Enquanto a percentagem dos EUA diminuiu, a do Reino Unido aumentou de 13% em 2024 para 24% em 2026, e a do Canadá, de 7% para 13%.
- O facto de os europeus apoiarem uma maior independência europeia não implica que rejeitem a NATO.
  Uma maioria de 63% dos europeus continua a acreditar que a pertença à NATO os protege contra as ameaças à paz, e 57% consideram que a meta, estipulada pela NATO, de alocar 5% dos orçamentos nacionais à defesa é razoável.
- Os europeus querem que a UE desempenhe um papel mais forte a nível mundial.
  De acordo com uma clara maioria de 71%, a UE deveria ser mais ativa na política internacional.
- Os europeus continuam a preferir a cooperação internacional ao confronto.
  Mesmo num período marcado pela guerra e pelas tensões geopolíticas, 78% dos europeus consideram que as relações internacionais assentam mais na cooperação do que na competição.

A VIRAGEM DA EUROPA RUMO A UMA MAIOR INDEPENDÊNCIA

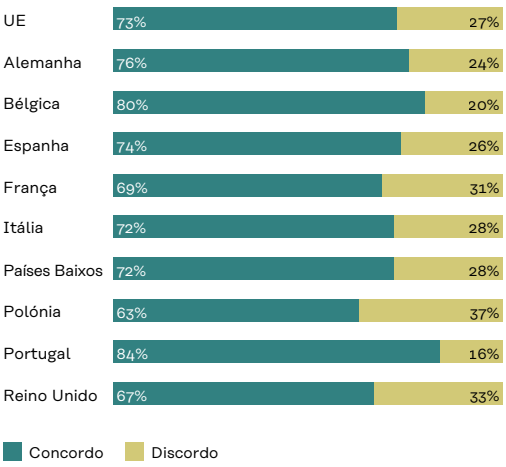
Desde que foi reeleito presidente dos Estados Unidos, em novembro de 2024, Donald Trump impôs direitos aduaneiros à generalidade dos produtos importados da UE, pôs em causa os compromissos anteriormente assumidos pelos EUA para com a Ucrânia e a NATO, ameaçou anexar a Gronelândia e iniciou uma guerra com o Irão. Estes acontecimentos deixaram marcas profundas nas relações transatlânticas.

Embora a União Europeia e os Estados Unidos tenham mantido estreitas relações de cooperação ao longo de décadas, há atualmente uma maioria crescente de europeus que acreditam que a UE deve seguir um rumo independente. Quase três em cada quatro cidadãos europeus (73%) afirmam que a UE deve «seguir o seu próprio caminho», um aumento face aos 63% registados em 2024. Portugal regista a percentagem mais elevada de defensores de uma maior independência (84%) e a Polónia, a mais baixa (63%). Ainda assim, a Polónia registou o aumento mais acentuado desde 2024, com um crescimento de 23 pontos percentuais.

Embora a União Europeia e os Estados Unidos tenham mantido estreitas relações de cooperação ao longo de décadas, há atualmente uma maioria crescente de europeus que acreditam que a UE deve seguir um rumo independente.

Figura 1 Ao longo dos últimos 50 anos, a Europa e os Estados Unidos têm mantido uma cooperação estreita e frequente.

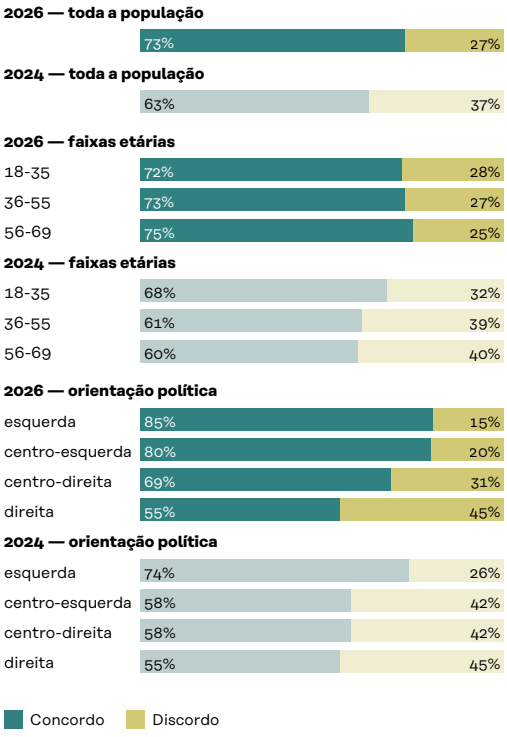
Acha que está na hora de a Europa seguir o seu próprio caminho?



Março 2026 eupinions | what do you think?

Figura 2 UE: Ao longo dos últimos 50 anos, a Europa e os Estados Unidos têm mantido uma cooperação estreita e frequente.

Acha que está na hora de a Europa seguir o seu próprio caminho?



Set. 2024 – março 2026 eupinions | what do you think?

A ideia de que chegou a hora de a Europa seguir o seu próprio caminho é transversal a toda a sociedade. Este ponto de vista tem forte adesão, independentemente do género, do nível de escolaridade ou do facto de os inquiridos viverem em zonas urbanas ou rurais.

Em grande medida, desapareceram as pequenas variações entre faixas etárias que se verificaram em rondas de inquéritos anteriores. De facto, o aumento mais significativo regista-se entre os europeus mais velhos: entre a população dos 56 aos 69 anos, a adesão a esta ideia subiu de 60% em 2024 para 75% em 2026.

A clivagem mais evidente ocorre em função da orientação política. O apoio à maior independência da Europa é mais forte entre os cidadãos de esquerda e de centro-esquerda, com 85% e 80%, respetivamente, em 2026, e mantém-se sólido no centro-direita, com 69%. Entre as pessoas de direita, desce para 55%. Na Alemanha, mais de 80% dos cidadãos que apoiam qualquer um dos partidos políticos representados no parlamento são a favor de uma maior independência da UE, excetuando-se os apoiantes da Alternativa para a Alemanha (AfD), com 58%. O apoio a uma maior independência da UE é, portanto, maioritário em quase todos os partidos e países. A Polónia destaca-se como a principal exceção: entre os apoiantes da Lei e Justiça (PiS), apenas 39% concordam que a UE deva seguir o seu próprio rumo.

O desejo por uma maior independência prende-se diretamente com o modo como os europeus têm vindo a reavaliar a sua relação com os Estados Unidos desde que, há dois anos, teve início o segundo mandato de Trump. Os resultados do inquérito sugerem que esta relação transatlântica se encontra sob uma crescente tensão.

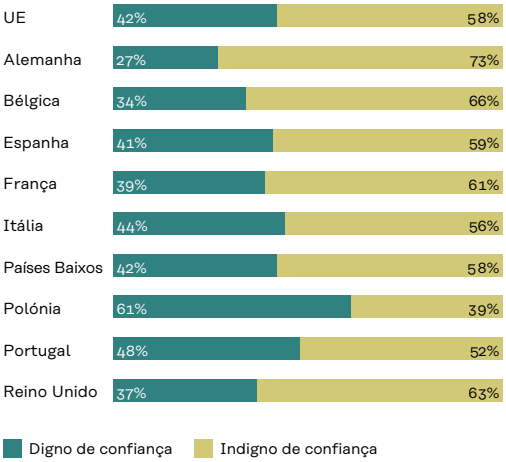
A TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE A EUROPA E OS ESTADOS UNIDOS

A maioria dos europeus (58%) não acredita que os EUA sejam um parceiro de confiança, o que representa um ligeiro aumento face aos 54% registados em 2025. A desconfiança é mais elevada na Alemanha, onde 73% dos cidadãos partilham esta opinião. A Polónia destaca-se como o único país onde a maioria (61%) ainda considera que os Estados Unidos são dignos de confiança.

Todos os grupos demográficos e sociais da Europa consideram que os Estados Unidos não são, em larga medida, dignos de confiança. Quanto à orientação política dos inquiridos na UE, da esquerda à direita, não há nenhuma maioria que considere os EUA dignos de confiança. Na Alemanha, a confiança é mais baixa entre os apoiantes do Die Linke (23%) e do Partido Social-Democrata (SPD) (21%), e mais elevada entre os apoiantes da União Democrata-Cristã (CDU) / União Social-Cristã (CSU) (39%).

Entre 2024 e 2026, a percentagem de inquiridos que identificam os Estados Unidos como o aliado mais importante da UE sofreu uma forte queda de 20 pontos percentuais, passando de 51% para 31% — um declínio que designamos por «efeito Trump». As quedas mais acentuadas registam-se nos Países Baixos (de 50% para 25%), na Alemanha (de 54% para 31%) e na Polónia (de 65% para 42%).

Figura 3 Até que ponto os Estados Unidos são um parceiro digno de confiança para a Europa?



Para reduzir a complexidade, os valores relativos a «Digno de confiança» e «Indigno de confiança» integram as respostas «muito» e «um pouco».

Março 2026 eupinions | what do you think?

Não há nenhum país europeu onde a maioria absoluta dos inquiridos considere que os EUA são o parceiro mais importante da UE. Ainda assim, os Estados Unidos continuam a ser a primeira escolha para a maioria relativa dos inquiridos da Europa no seu conjunto.

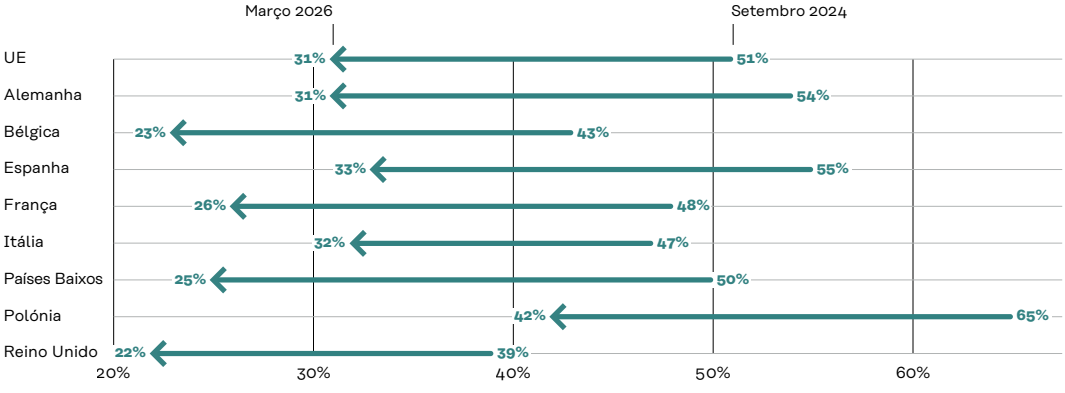
Ao mesmo tempo, os europeus mantêm-se disponíveis para colaborar com os Estados Unidos nos domínios em que haja interesses comuns. Uma clara maioria (57%) é a favor da cooperação com os Estados Unidos em matérias relacionadas com a China, ainda que este valor também represente uma queda face aos 64% registados seis meses antes.

Ao mesmo tempo, os europeus mantêm-se disponíveis para colaborar com os Estados Unidos nos domínios em que haja interesses comuns.

Globalmente, estes resultados sugerem que a relação entre a UE e os EUA se encontra sob forte pressão. Ao passo que muitos políticos continuam a mostrar-se hesitantes, os cidadãos europeus estão cada vez mais claramente a favor de uma maior independência perante os Estados Unidos e manifestam cada vez menos confiança neste país. Contudo, muitos cidadãos continuam a encarar os EUA como um importante parceiro para a UE e apoiam a cooperação transatlântica em desafios estratégicos comuns, como os que dizem respeito à China.

Figura 4 Qual é o aliado mais importante da União Europeia?

Dados relativos aos Estados Unidos



eupinions | what do you think?

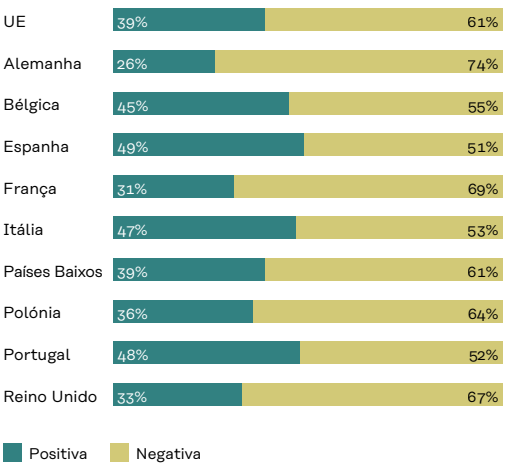
OPINIÕES EUROPEIAS SOBRE A CHINA

Apesar de a confiança nos EUA ser baixa, a China não tem vindo a constituir-se como um polo de atração alternativo. Há uma percentagem estável de 9% dos europeus que consideram que a China é o aliado mais importante da UE. A Espanha é o único país onde a China figura entre os três aliados principais, com 12%.

Além disso, 61% dos europeus têm uma opinião negativa sobre a influência mundial da China. Na Alemanha (74%), em França (69%) e no Reino Unido (67%), os inquiridos têm as opiniões mais negativas sobre o papel desempenhado pela China, enquanto em Espanha (49%), Portugal (48%) e Itália (47%) os cidadãos têm pontos de vista comparativamente mais positivos. Numa perspetiva geracional, os europeus mais jovens (entre os 18 e os 35 anos) tendem a encarar o papel da China de forma mais positiva (45%) do que os mais velhos (entre os 56 e os 69 anos — 34%). Por fim, os inquiridos na direita e no centro-direita do espectro político são mais céticos em relação à China (67%) do que os da esquerda (43%).

Num período de tensões geoeconómicas, os europeus reconhecem que dependem da China. Cerca de 67% classificam a relação económica entre o seu país e a China como uma relação de dependência, uma percentagem que atinge uns impressionantes 80% na Alemanha.

Figura 5 O que pensa sobre a influência da China na política internacional?



Março 2026 eupinions | what do you think?

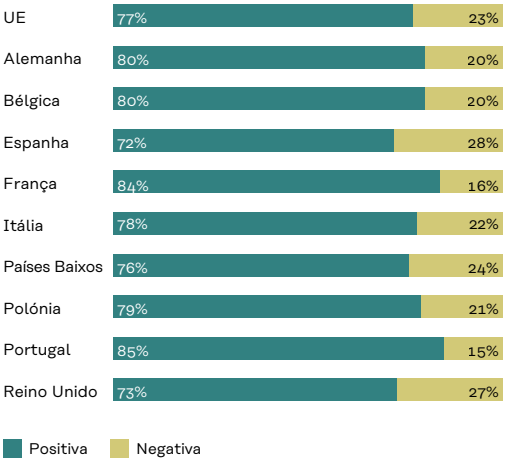
Entre os cidadãos que consideram que o seu país depende da China, 77% apoiam a redução dessa dependência, mesmo que isso prejudique a sua economia a curto prazo. Esta percentagem é ainda mais elevada em países como a Alemanha (80%), a França

A China não tem tirado vantagens da quebra de confiança nos Estados Unidos; em contrapartida, há outros parceiros que têm vindo a conquistar relevância.

(84%) e Portugal (85%). Os inquiridos situados à esquerda do espectro político mostram-se mais dispostos a reduzir a dependência da China (82%) do que os situados à direita (68%). Na Alemanha, cerca de 90% dos apoiantes de quase todos os partidos políticos são a favor de reduzir a dependência da China, excetuando-se os apoiantes da Alternativa para a Alemanha (AfD), que se ficam pelos 59%.

De um modo geral, os europeus têm uma visão muito negativa do papel que a China desempenha no mundo e parecem dispostos a arcar com os custos económicos que a redução da dependência implica. A China não tem tirado vantagens da quebra de confiança nos Estados Unidos; em contrapartida, há outros parceiros que têm vindo a conquistar relevância.

Figura 6 O que pensa da ideia de reduzir a dependência do seu país em relação à China, mesmo que isso prejudique a economia do seu país a curto prazo?



Pergunta adicional feita aos inquiridos que classificaram a relação económica do seu país com a China como uma relação de dependência (67% na UE).

Março 2026 eupinions | what do you think?

OS EUROPEUS CONTINUAM FIRMEMENTE ENRAIZADOS NO ESPAÇO TRANSATLÂNTICO

À medida que a ideia dos Estados Unidos como aliado mais importante da UE tem vindo a perder apoiantes, esse apoio tem sido, em grande medida, redistribuído no espaço transatlântico mais amplo. A posição do Reino Unido subiu de 13% em 2024 para 24% em 2026, enquanto a do Canadá aumentou de 7% para 13% no mesmo período. Atualmente, na Bélgica (28%), em França (27%) e nos Países Baixos (28%) há uma ligeira maioria relativa que identifica o Reino Unido, em vez dos EUA, como o aliado mais importante da UE.

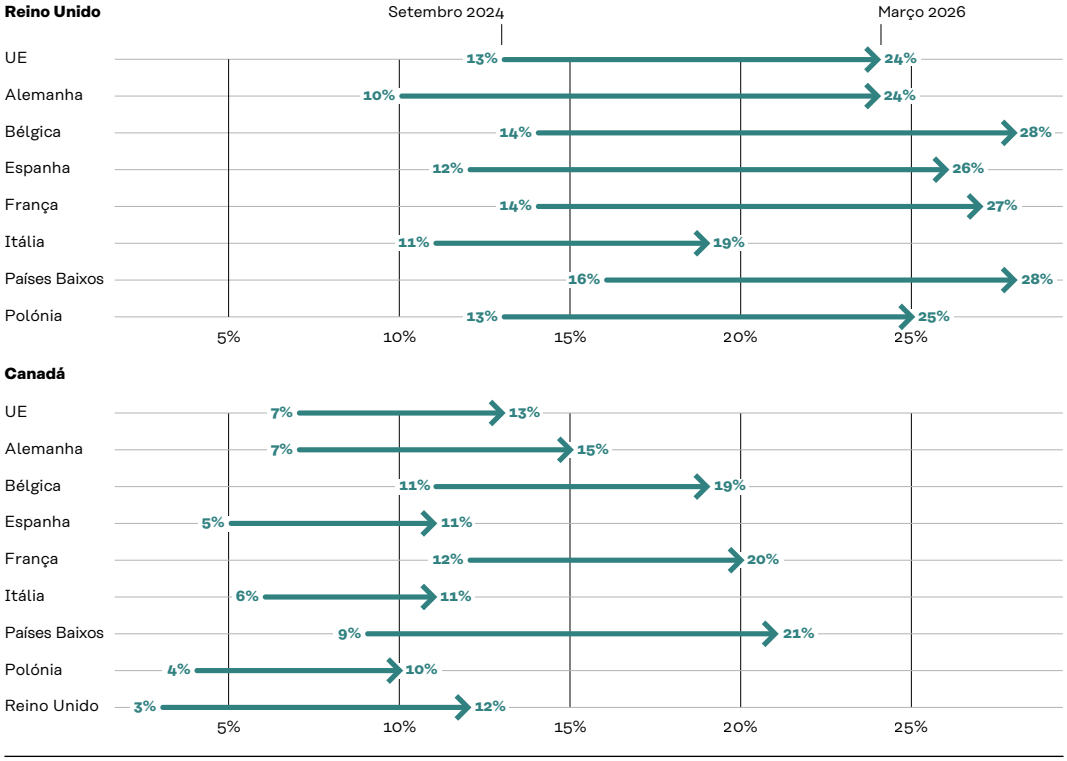
Ao mesmo tempo, o apoio a uma maior independência europeia não equivale a uma rejeição da NATO.

A maioria dos europeus — 63% em 2026, percentagem quase igual aos 64% registados em 2024 — acredita que a pertença à NATO os protege em casos de ameaça à paz. Este apoio é mais elevado na Polónia, com 78%, seguida do Reino Unido e de Portugal (ambos com 67%), e mais baixo em França (52%) e na Itália (57%).

O apoio à pertença à NATO é forte na maioria dos grupos demográficos e sociais, embora ligeiramente inferior entre os europeus mais jovens (59% entre os que têm 18 a 35 anos, face a 68% entre os que têm 56 a 69 anos) e entre os inquiridos à direita do espectro político (48%).

Figura 7 Qual é o aliado mais importante da União Europeia?

Dados relativos ao Reino Unido / Canadá



eupinions | what do you think?

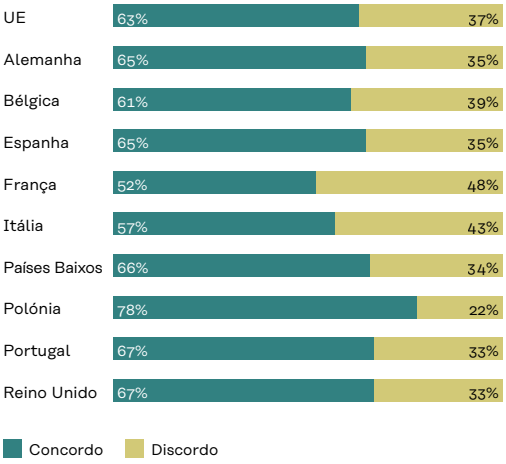
Na Alemanha, o apoio é particularmente baixo à direita do espectro político, com apenas 37% dos apoiantes da Alternativa para a Alemanha (AfD) a considerarem que a NATO é um garante de proteção, por contraste com um apoio muito mais forte entre os apoiantes da CDU/CSU (87%), do SPD (77%) e da Aliança 90/Os Verdes (83%).

Este vínculo persistente com a NATO reflete-se também nas atitudes em relação às despesas com a defesa. Em toda a UE, 57% dos cidadãos consideram que a meta, estipulada pela NATO, de gastar 5% dos orçamentos nacionais em defesa é razoável. Este apoio é maioritário em quase todos os países inquiridos, com o valor mais elevado a registar-se na Polónia (81%).

A Itália, onde o apoio se situa nos 44%, constitui a principal exceção.

No seu conjunto, estes resultados sugerem que, para os europeus, a ideia de conquistar uma maior independência não implica nenhuma rutura total com as parcerias existentes. Pelo contrário, indicam que há uma sólida preferência pela cooperação, mesmo quando a Europa pretende assumir um papel mais independente na cena mundial.

Figura 8 Considera que a pertença do seu país à NATO o protege contra ameaças à paz?



Março 2026 eupinions | what do you think?

O PAPEL DA UE NA CENA MUNDIAL

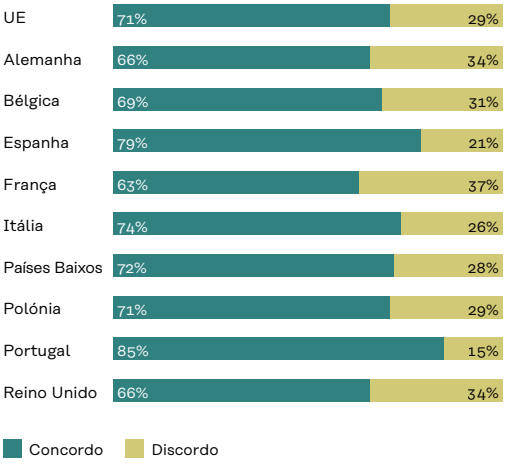
Os europeus querem que a UE assuma um papel mais forte a nível mundial. Nos últimos dez anos, mais de 70% têm afirmado consistentemente que gostariam que a UE desempenhasse um papel mais ativo na política internacional. Em 2026, esta tendência mantém-se, com 71% dos cidadãos a partilharem esta opinião. O apoio a um papel mais forte da UE é especialmente elevado em Portugal (85%) e em Espanha (79%), ao passo que os inquiridos na Alemanha (66%) e em França (63%) se mostram um pouco menos entusiastas.

O apoio a um papel mais forte da UE é especialmente elevado em Portugal (85%) e em Espanha (79%), ao passo que os inquiridos na Alemanha (66%) e em França (63%) se mostram um pouco menos entusiastas.

Nesta matéria, a principal clivagem prende-se com o posicionamento político. Enquanto os inquiridos de esquerda (81%) e de centro-esquerda (80%) são a favor de uma UE mais ativa, os de direita (49%) e os de centro-direita (68%) mostram-se mais céticos.

Apesar das tensões geopolíticas e da guerra que têm marcado os últimos meses, os europeus continuam a acreditar que as relações internacionais assentam na cooperação. No conjunto da Europa, 78% dos inquiridos afirmam que as relações internacionais beneficiam mais da cooperação do que da competição. Na Alemanha (86%), nos Países Baixos (85%) e na Polónia (83%), esta opinião é mais generalizada do que em Portugal (68%), na Itália (68%) e em França (70%). Além disso, os europeus mais velhos (entre os 56 e os 69 anos) tendem a acreditar mais na cooperação internacional (85%) do que os europeus mais jovens (entre os 18 e os 35 anos, 71%).

Figura 9 A União Europeia deve desempenhar um papel mais ativo na política internacional.



Março 2026 eupinions | what do you think?

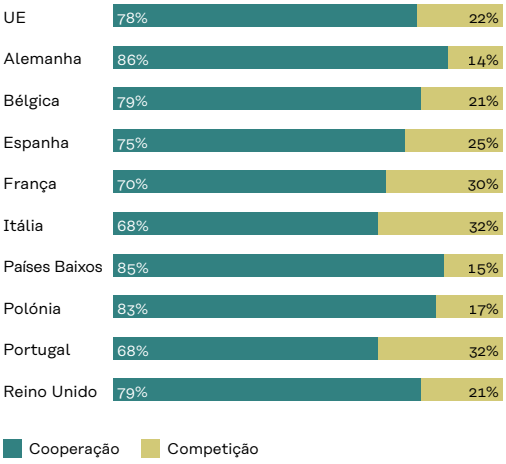
Os europeus querem que a UE se torne mais independente e assuma um papel mais proativo na cena mundial. No entanto, num contexto internacional caracterizado por conflitos e confrontos, continuam a depositar a sua confiança na cooperação.

Em suma, os dados analisados pela Fundação Bertelsmann apontam para

Embora muitos políticos continuem a mostrar-se cautelosos, a opinião pública é categórica: os europeus querem que a UE se torne mais independente dos EUA; querem reduzir a dependência em relação à China, mesmo que isso implique pagar um custo; e querem que a UE assuma um papel mais proativo na política internacional.

uma verdade incómoda: passados dois anos desde que o segundo mandato de Trump começou, as relações transatlânticas sofreram danos graves. Os EUA continuam a ser o aliado mais importante da Europa, mas a sua posição deteriorou-se significativamente nos últimos 18 meses. Paralelamente, a China não constitui uma alternativa viável. Embora muitos políticos continuem a mostrar-se cautelosos, a opinião pública é categórica: os europeus querem que a UE se torne mais independente dos EUA; querem reduzir a dependência em relação à China, mesmo que isso implique pagar um custo; e querem que a UE assuma um papel mais proativo na política internacional.

Figura 10 As relações internacionais beneficiam mais da...



Março 2026 eupinions | what do you think?

NOTA METODOLÓGICA

As amostras analisadas neste relatório foram recolhidas pela Nira Data (anteriormente Latana e Dalia Research) nos 27 Estados-membros da UE, bem como no Reino Unido, em setembro de 2024 (UE: n = 26 454; Reino Unido: n = 2974), setembro de 2025 (UE: n = 17 288; Reino Unido: n = 1834) e março de 2026 (UE: n = 18 097; Reino Unido: n = 2050). As amostras refletem a composição das populações nacionais em termos de idade (18-69 anos), género e região/país. Para obter resultados representativos dos recenseamentos, os dados foram ponderados com recurso às estatísticas mais recentes do Eurostat.

No presente relatório, apenas são referidas diferenças entre países nos casos em que estes dispunham de amostras com dimensão suficiente: Bélgica, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Polónia, Portugal (desde 2025), Espanha e Reino Unido.

Tendo em conta a dimensão da amostra e o efeito de desenho amostral estimado (2,17 para setembro de 2024, 2,11 para setembro de 2025 e 2,18 para março de 2026), a margem de erro efetiva para as estimativas à escala da UE, calculada com um nível de confiança de 95%, é de ±0,8% para setembro de 2024 e de ±1,0% para setembro de 2025 e março de 2026.

SOBRE OS AUTORES

Florian Kommer
Florian Kommer é especialista sénior em questões estratégicas europeias na Fundação Bertelsmann. Foi diplomata no Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, onde desempenhou as funções de vice-chefe de gabinete do ministro de Estado para a Europa e o Clima. Antes disso, dirigiu o gabinete parlamentar de um deputado do Bundestag alemão. Trabalhou vários anos na Fundação Heinrich Böll, como conselheiro sénior do presidente e nas divisões UE/América do Norte e Médio Oriente/Norte de África. Estagiou na Comissão Europeia. Estudou Ciência Política, Economia e Filosofia em Hamburgo, Istambul e Passau.

Brandon Bohrn
Brandon Bohrn é especialista sénior em relações transatlânticas no Programa Europa da Fundação Bertelsmann. O seu trabalho centra-se na política externa e de segurança, na política interna e na sociedade dos Estados Unidos, bem como nas relações entre a UE e os EUA. Trabalhou na Fundação Bertelsmann em Washington, DC, onde foi coautor do relatório anual *Transatlantic Trends* durante três anos. Como bolseiro da Fulbright e do DAAD, adquiriu experiência académica e profissional nos dois lados do Atlântico, nomeadamente na equipa de política externa de um senador norte-americano e nas secções políticas do Consulado dos EUA em Düsseldorf e da Embaixada dos EUA em Berlim. Concluiu o TransAtlantic Masters Program (TAM) em Ciência Política, na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill e na Universidade Humboldt de Berlim, e é também licenciado pela academia militar The Citadel, da Carolina do Sul.

Daniela Schmidt
Daniela Schmidt é especialista em implementação de publicações baseadas em dados, no âmbito do «eupinions», um projeto fundado pela Fundação Bertelsmann em 2015, que constitui uma plataforma independente dedicada à opinião pública europeia. Supervisiona a análise de dados, a gestão de projetos e o desenvolvimento técnico estratégico. Ao transformar dados complexos em informação acessível e relevante, faz a ponte entre a investigação empírica e a comunicação com o público. Assegura que os resultados baseados em dados sejam não só rigorosos, mas também apelativos e pertinentes para o debate público atual.



BARÓMETROS
DA FUNDAÇÃO